

O mês do orgulho LGBTQIA+ é o ano inteiro. Por Jovanka de Genova.

A Avenida Paulista foi palco, mais uma vez, da Parada do Orgulho LGBTQIA+, no dia 11 de junho. A 27ª edição deste belíssimo evento reuniu milhões de pessoas em torno do tema deste ano "Queremos Políticas Públicas". No país em que mais se mata pessoas transexuais no mundo, esse é um assunto de extrema importância e também um lembrete ao poder público sobre a necessidade crescente de leis específicas a essas pessoas.

Ao mesmo tempo em que essa foi uma festa para comemorar o mês de junho, de celebrar tantas conquistas e espaços e enfatizar o orgulho da comunidade LGBTQIA+. O escritor Reinaldo Bulgarelli, autor do livro "Diversidade somos todos" diz algo que cabe muito bem aqui: **"é preciso falar do orgulho, porque a vergonha nos foi imposta"**. E é justamente o que esse período de comemorações e reflexões nos traz neste momento, a urgência de se falar sobre essas questões, sobre os interesse e direitos dessa população diante de toda a nossa sociedade.

Essa é uma conversa ainda muito recente na realidade brasileira. Por exemplo, foi apenas em 1985 que o termo homossexualismo foi substituído por homossexualidade pelo Conselho Federal de Medicina. O período anterior a essa mudança foi marcado pela Ditadura Militar, um período em que os grupos não heteronormativos conviviam com o medo de serem quem eles são. Uma época de nossa história que foi marcada pela total falta de diversidade, seja no âmbito social, dos costumes e comportamentos da época, até na política, já que apenas um único tipo de governo era imposto no país pelos mesmos tipos de pessoas.

De lá para cá, muita coisa mudou - apesar de ainda não ser o ideal que tanto almejamos. Em 1997, aconteceu a 1ª edição da então chamada "Parada Gay". Alguns dados da época afirmam que o evento contou com a presença de 500 a 2 mil participantes, um número muito pequeno se comparadas aos milhões que acompanharam a Parada em 2023, mais de duas décadas depois. Apesar do pequeno número de pessoas, esse foi um dos primeiros movimentos nacionais que deram as caras nas ruas e "saíram do armário", tudo isso em uma sociedade, como disse, que ainda tinha grandes dificuldades para entender e aceitar outras escolhas.

Hoje, não que tenhamos superado todos os nossos problemas em relação à aceitação da sexualidade e orientação de gênero de cada um, mas aquela era uma época em que não se tinha informações e iniciativas para a integração das pessoas LGBTQIA+. O preconceito, o desconhecimento e a exclusão reinavam neste momento. Podemos dizer que melhoramos muito de lá para cá, mas ainda não é o mais eficiente e suficiente. Desde 2019, há [leis que criminalizam a homofobia](#). No mesmo ano também, foram liberados casamentos homoafetivos em todo o Brasil. E, em 2022, foram [eleitas as primeiras deputadas federais trans](#).

Mas estamos longe de atingir um ponto de equilíbrio saudável para que todos possam viver em segurança na sociedade. Em Uganda, por exemplo, foi aprovado, neste ano, em pleno 2023, uma lei que impõe pena de morte a homossexuais. Infelizmente, este não é um caso

isolado e parece que os países ainda não estão prontos para falar sobre isso. Segundo a ONU, há no mundo, hoje, 10 nações que têm pena de morte e, em outras 20, a diversidade de gênero são consideradas crime.

Seguindo esta lista, podemos ainda citar a Rússia que, em 2022, aprovou emendas de uma [lei de 2013](#) que proíbe todos os cidadãos russos a elogiar relacionamentos homossexuais ou sugerir publicamente que eles são normais. E as penas são financeiramente pesadas. Quem tentar promover relacionamentos "não convencionais" será multado em até 400 mil rublos em reais, em torno de R\$35 mil. Já para pessoas jurídicas os valores são ainda mais exorbitantes. A multa pode chegar a 5 milhões de rublos ou R\$440 mil. No caso de estrangeiros, eles podem ficar presos por 15 dias ou até mesmo serem deportados.

No fim, qual a grande motivação disso tudo? Silenciar e marginalizar aqueles que, aos olhos da sociedade, são considerados diferentes. O amor não é livre, nem mesmo o corpo. Neste sentido, ações como a promoção de um mês dedicado a debater e discutir temas LGBTQIA+ são tão importantes. Quanto mais se fala, mais tornamos natural conviver e aceitar uma pessoa que faz parte deste grupo. O que poderia ser estranho e fora do convencional, se torna mais um elemento do dia a dia. É a inclusão. Se fazemos pesquisas e estudos sobre essas pessoas, estamos dizendo que elas existem, que estão inseridas em nossa sociedade e não podemos mudar isso. Não podemos mudar esta situação e nem quem cada um é de acordo com suas próprias escolhas.

Por falar em estudos e números, não podemos considerar, no entanto, que estamos falando de um grupo pequeno da população, porque não é. Para entender o tamanho deste público, foi feito um [levantamento inédito](#) por pesquisadores da UNESP e USP, publicado na revista científica [Nature Scientific Reports](#), que diz que o percentual de brasileiros adultos que se declaram assexuais, lésbicas, gays, bissexuais e transgênero é de 12%, ou seja, cerca de 19 milhões de pessoas, de acordo com os dados populacionais do IBGE.

Esse número nos mostra ainda uma coisa: quantas oportunidades de aprendizado e conhecimento estamos desperdiçando ao não incluir essa população na sociedade. São milhões de pessoas que têm muito a acrescentar em todas as esferas sociais, profissionais ou acadêmicas, mas que acabam sendo deixadas de lado por serem quem são. Diversidade de sexualidade e de gênero são essenciais no mundo em que vivemos hoje e não é mais possível dizer o contrário. Que possamos falar sobre questões LGBTQIA+ não só em junho ou durante um domingo de Parada Gay, mas em todos os meses e em todos os espaços em que estivermos.

Novamente vou citar a frase genial do Reinaldo Bulgarelli: **"é preciso falar do orgulho, porque a vergonha nos foi imposta"**.
